

# A guerra semântica de Karl Marx e os 90 anos da Revolução Russa

Paulo Ghiraldelli Jr.

Quando dos períodos revolucionários na Europa, Marx era acossado em todo país que se instalava. Mas, pudera, ele não deixava por menos. Era ele chegar a novo lugar e já iniciava suas atividades de filósofo, palestrante, escritor e propagandista revolucionário junto a grupos de trabalhadores. E então, era convidado a se retirar do país. E assim ele viajou quase toda a Europa em muito pouco tempo. Fluente em francês e inglês, Marx tinha uma cultura em grego e latim que o fazia capaz de entender também o italiano e outras línguas com facilidade. Orador brilhante e perspicaz no uso de conceitos, mesmo os mais complexos, ele inovava as narrativas e discursos, causando uma forte impressão nos que o ouviam.

Nas cartas que agentes da polícia (secreta ou não) informavam seus respectivos chefes das atividades do “perigoso sr. Marx”, algumas das sentenças do filósofo eram usadas em um sentido que, mais tarde, iriam lhe dar sorte, mas outras foram seu infortúnio.

Marx foi um pragmatista rortiano *avant la lettre*, mas um tanto inconsciente do seu pragmatismo. Portanto, acertou em algumas de suas figuras de linguagem lançadas, mas errou em outras. Marcou pontos ao fazer a palavra “burguês” ser utilizada não mais como “habitante da cidade” ou “pessoa rica”, mas também e sobretudo como “explorador do trabalho” do outro. Depois de Marx, “burguês” nunca mais foi uma palavra política e socialmente neutra. Outra sacada fantástica foi a de utilizar a expressão “ditadura do proletariado”. Todavia, aqui, apesar da expressão ser inteligente, do ponto de vista dos objetivos políticos, e não filosóficos, a sorte de Marx não foi boa – foi um tiro pela culatra.

No âmbito da filosofia política de Marx “ditadura do proletariado” não dizia respeito à ditadura. Ele não imaginava, com tal expressão, criar um discurso positivo, no qual a ditadura *tout court* fosse objeto de apologia. A expressão “ditadura do proletariado” era um termo para criar um paralelo com a expressão “democracia burguesa”. Ou seja, ao falar “ditadura do proletariado”, Marx estava querendo dizer que o regime que os operários poderiam colocar no lugar da “democracia burguesa” não seria diferente daquele existente, que era, na verdade, uma “ditadura burguesa” e não propriamente uma democracia. A democracia (burguesa) estaria funcionando como uma ditadura burguesa contra os trabalhadores e os pobres, então, no âmbito de seus escritos, Marx criou uma expressão que poderia denunciar isso, de uma maneira sofisticada. Em vez de dizer que a democracia (burguesa) era uma ditadura, ele colocou contra esta a expressão que deveria fazer o leitor refletir, ser inteligente: “ditadura do proletariado”. Era uma expressão nova. Ninguém a tinha utilizado antes. Era para fazer pensar. Por que “ditadura do proletariado”? – era isso que deveria o leitor perguntar; era isso que Marx queria que ele perguntasse, na leitura. E então, a resposta deveria vir na cabeça do leitor (inteligente), naturalmente: “ah, sim, ditadura do proletariado, entendi, pois agora o que ocorre é a ditadura da burguesia”.

De modo algum essa forma de conversar, portanto, significava que Marx queria a destruição dos direitos (formais) conquistados – como ele deixou claro no

Dezoito Brumário (aliás, Marx não cansava de recorrer a advogados para contestar os que o expulsavam e caluniavam, sempre apostando nos seus direitos). A expressão “ditadura do proletariado” só fazia sentido no contexto em que a narrativa estava posta para qualificar a “democracia burguesa” como “ditadura burguesa”, uma vez que as garantias de liberdade individual e igualdade, posta na democracia (burguesa), eram formais e quase sempre deixavam os mais pobres sem qualquer direito real (como ocorre, ainda, em vários lugares do Terceiro Mundo). A expressão “ditadura do proletariado”, portanto, não tinha nenhum valor socialista caso utilizada sem o contraponto com a equação marxiana “democracia burguesa = pseudo-democracia = ditadura burguesa”. Todavia, é claro que a polícia política não iria dar atenção a isso. Todas as descrições policiais das atividades de Marx eram relatadas como sendo a do apologeta da “ditadura do proletariado” – e ponto final. A semântica era outra, e a transformação social que causou foi também outra, não desejada por Marx. O prejuízo foi tão grande que até mesmo os socialistas, antes próximos de Marx, começaram a acreditar que Marx era a favor do fim dos direitos individuais de liberdade e igualdade existentes nas democracias que estavam nascendo. Não raro, isso trouxe divergências que só foram aguçadas por questões de vaidade pessoal de Marx e outros, no meio dos movimentos de trabalhadores no século XIX.

Marx tinha ódio mortal de todo e qualquer regime que criasse censura, polícia política e coisas do tipo. Seu espírito, como ele enfatizou várias vezes, não tinha nada de marxista, e sim de libertário – no sentido amplo da palavra. Marx nunca deixou de ser um iluminista. Ele acreditava como ninguém no poder da razão, na força do discurso inteligente e na transformação da linguagem como transformação social. Apostava como ninguém na sua capacidade de escritor. Para ele, transformar o mundo era, antes de tudo, *redescobrir* o mundo de modo que as pessoas pudessem estranhar o cotidiano e começassem a sonhar com outro tipo de vida – melhor e mais saudável. Sua célebre frase de elogio à transformação, em detrimento da interpretação do mundo, tinha como alvo Hegel e outros filósofos, não a filosofia em geral. Ele sabia bem que sua revolução era, antes de tudo, semântica. Ele nunca imaginou que alguém pudesse transmitir pensamentos, ordens, sugestões para a ação que não fossem, antes de tudo, na forma de linguagem – linguagem nova, motivadora, uma outra interpretação do mundo (fora disso, o que haveria?). Todavia, seria pedir demais que acertasse em toda a sua atividade de criação de expressões motivadoras. No caso da expressão “ditadura do proletariado”, quando ele percebeu que ela era uma péssima expressão quando utilizada fora do contexto, e que estava sendo posta contra seus objetivos, já era tarde.

Após a morte de Marx, em 1883, Engels tinha certeza de que a guerra semântica em que haviam se metido não tinha sido ganha totalmente. Ninguém mais falava em “burguês” como elemento neutro, e isso era uma vitória, mas muitos utilizavam a expressão “ditadura do proletariado” como querendo dizer: o regime socialista é uma ditadura. E isso era uma clara derrota. Engels deu força para os socialistas que entenderam esse problema da guerra semântica, e que foram capazes de ver que o socialismo não inimigo da democracia, mas uma ampliação desta. Nos seus últimos escritos, Engels apostou na via de reformas graduais, possíveis, de modo a afastar qualquer perigo, contido nos escritos anteriores, de que alguns um pouco menos dotados intelectualmente pudessem achar, lendo Marx, que tinham capacidade de forjar a história por “golpe de mão” e “instaurar o socialismo”. Engels morreu sem sequer imaginar que Lênin faria o papel tosco que fez, ao criar um estado totalitário com o nome de socialismo, uma “ditadura do proletariado” positiva. Na verdade, Engels não

podia imaginar que alguém que viesse com uma idéia tão tola quanto a que foi consagrada pelo leninismo pudesse realmente ser chamado de herdeiro de Marx. Mas, é preciso ter claro, que a história é muitas vezes a história dos intelectualmente menos dotados antes que a história da luta de classes. E Lênin era o tipo de sujeito com uma formação filosófica capenga, e não foi difícil, para ele, acreditar que podia “instaurar o socialismo”, e que isso era seguir Marx. Marx era um filósofo. Lênin era ... era Lênin, um russo agitador, daqueles vários que a Rússia produziu no período. Um mundo de livros e cultura separava ambos.

Lênin tomou o poder com um golpe de Estado e não percebeu que o que ele havia feito nada mais era que uma “quartelada”. Sim, era quartelada que podia ser chamada de revolução. Mas qual? Qual o sentido da revolução? Isso, ele não sabia. Eis então que o diabo, que sempre age na hora que as piores cabeças chegam ao poder, cochichou no ouvido de Lênin e disse: chame isso de “ditadura do proletariado” e de “socialismo”, e vai poder ter o prestígio da segunda palavra e os direitos de mandatário último concedido pela primeira expressão. Fico imaginando Lênin, ali no recanto de uma privada suja, desesperado e com dor de barriga diante da nova tarefa de comandar um país, só tendo o demônio como conselheiro. Lênin pegou um jornal, se limpou, e meio que as pressas saiu da privada fazendo dois neurônios funcionar, para produzir duas idéias, as do demônio: “socialismo” e “ditadura do proletariado”. Há quem diga que Lênin morreu jovem, cedo, por ter feito nesse dia, na privada, um pacto com o demônio, e este veio buscar sua alma mais cedo do que ele imaginava.

E eis que daí para frente Marx começou a perder boa parte de tudo que havia feito em favor do iluminismo, da democracia e dos direitos das pessoas mais pobres.

Na verdade, uma boa parte dos socialistas não conseguiu suportar a avalanche russa e os acontecimentos puramente militares – e nada socialistas – que fizeram Lênin chegar ao poder em 1917. Daí para a frente, libertários, liberais, socialistas e social-democratas foram caçados por Lênin e Trotsky como animais. Inúmeras emboscadas de Trotsky serviram para dizimar antigos companheiros. Lênin fez o mesmo. Quando Stalin chegou ao poder, ele nada fez senão continuar a matança que seus antecessores lhe haviam ensinado antes, tanto as do Czar quanto a de seus companheiros do partido bolchevique. O marxismo havia chegado ao poder. Marx não era marxista, ele havia dito, e realmente, em 1917, ele perdeu tudo. Dali para diante começou a contagem regressiva para o que seria a Queda do Muro de Berlim, o fim da URSS e o desprestígio total do marxismo. Marx pagou caro por ter sido criativo demais, e ter feito mudanças semânticas para além daquilo que podia controlar. E, de fato, é sempre assim: um gênio é um gênio, ele não pode controlar o que cria.

Em 2007 Marx não está mais na política. Ele havia já se aposentado antes de Lênin. E em 2007 é uma data significativa: faz noventa anos que ocorreu a Revolução Bolchevique – agora em outubro, mais exatamente. Passou tempo, também, do fim do comunismo e da própria existência do Império Soviético – talvez o mais tenebroso império de todos os tempos. Creio que Marx, agora, mereceria ser lido sem ser confundido com esse lixo todo, como o gênio filosófico que era. Algumas questões filosóficas que ele abordou (e que nada tem a ver com “capitalismo” ou “política”) abrem uma nova forma de fazer filosofia – nunca antes vista. E seria interessante ver como ele atuou de maneira semelhante a outros criadores de novas expressões, mais até que os

**pragmatistas pioneiros que, enfim, viveram no mesmo período que ele, aqueles que Richard Rorty considerou seus antecessores e que, em minha opinião, foram menos criativos em relação a novas expressões do que Marx.**

**© PGJr. São Paulo, outubro de 2007.**